



## OS QUATRO ELEMENTOS EM "ROMEU + JULIET", DE BAZ LUHRMAN

### THE FOUR ELEMENTS IN BAZ LUHRMAN'S "ROMEO + JULIET"

Marisa Corrêa Silva <sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo mostra como o filme de Baz Luhrman retoma e utiliza a "teoria dos humores", baseada em Galeno, e nos quatro elementos (água, terra, fogo e ar) que originariam os quatro humores, vindos da tradição grega. Embora tais elementos não estejam explorados no texto shakespeariano de *Romeu e Julieta*, a teoria dos humores era bastante difundida na Inglaterra elizabetana, como podemos exemplificar citando a peça *Every Man in His Humour*, de Ben Johnson, ou da utilização paródica dessa teoria, feita pelo próprio Shakespeare, em *Henrique V*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Baz Luhrman, Shakespeare, Teoria dos Humores, Quatro elementos.

This work aims to show how Baz Luhrman's movie utilizes Galen's "theory of the humors" and the four elements of Greek tradition (water, fire, earth and air). Although these elements are not explicit in Shakespeare's *Romeo and Juliet*, the "theory of the humors" was largely known in Elizabethan England, as can be exemplified with Ben Johnson's *Every Man is His Humor*, or the parodic use Shakespeare makes of it in *Henry V*.

**KEYWORDS:** Baz Luhrman, Shakespeare, Theory of the humours, Four elements.

O filme "Romeu + Juliet", de 1996, é uma bem-sucedida releitura do texto de Shakespeare, com a ação passada nos anos 90, numa praia da Flórida. Já chamei atenção para alguns dos aspectos contemplados na adaptação em "Adaptações & Transcrições: o desafio de Romeu e Julieta". Neste trabalho, quero apontar um outro elemento, que foi muito bem utilizado, com grande coerência, na mesma película: o uso simbólico dos quatro elementos da tradição grega (água, terra, fogo e ar) para compor a narrativa cinematográfica.

Como sabemos, esses quatro elementos eram considerados desde a Grécia clássica, os elementos primordiais, que formavam todos os outros elementos do universo. Tudo o

---

<sup>1</sup> Marisa Corrêa Silva é doutora em letras pela Unesp de Assis, tem pós-doutorado pela Rutgers – the State University of New Jersey e é professora no Departamento de Letras da Universidade estadual de Maringá – UEM, onde também atua no Mestrado em letras (PLE). O e-mail de contato é: mcsilva5@uem.br



que existe seria, segundo essa tradição, formado por misturas diferentes desses elementos. Poder-se-ia perceber qual dos elementos prevaleceria em cada coisa ao observarmos as propriedades dominantes de cada objeto, relacionando-as com as propriedades características de cada um dos elementos, a saber: a água, fria e úmida; o fogo, quente e seco; a terra, fria e seca; o ar, quente e úmido.

Na época de Shakespeare, estava em voga a "teoria dos humores", cujo criador fora Galeno, também na Grécia clássica. Segundo essa teoria, a medicina explicaria o físico e o psíquico do homem como resultantes dessa mistura de elementos. As qualidades predominantes dos elementos estariam associadas a partes do corpo humano e a "humores", ou seja, tendências da personalidade, que correspondessem a essas qualidades. O humor melancólico, causado pela bile negra, seria frio e seco (terra); o fleumático, causado pela fleuma, frio e úmido (água); o colérico, comandado pela bile, quente e seco (fogo), finalmente, o rubicundo ou sangüíneo, causado pelo sangue, quente e úmido(ar). O homem teria um pouco de cada um desses quatro humores, mas um deles tenderia a predominar.

Assim, não somente o temperamento de cada ser humano seria explicado por essas causas, mas as próprias doenças seriam causadas por um desequilíbrio antinatural dos humores. Eis a explicação das sangrias, uma vez que, diminuindo a quantidade de sangue no corpo, diminuiria também o excesso do humor que causava a doença e o equilíbrio tenderia a se restabelecer. O homem colérico seria irritadiço e mal-humorado, com a pele esverdeada, o sangue nas veias cheio de bile. Já a pessoa fleumática seria muito calma, pouco propensa a explosões, pálida, por causa da grande quantidade de água no seu sangue. O humor melancólico seria o predominante em pessoas do tipo Hamlet, que hoje chamaríamos depressivo, ainda mais pálido que o fleumático, e isso seria causado pela bile negra. Finalmente, o típico rubicundo, ou sangüíneo, seria altamente emotivo, corado, por causa do sangue espesso.

A medicina elizabetana já havia criticado a teoria de Galeno, mas ela fazia parte do *corpus* de conhecimento da população (HOLLAND, 1996). A difusão popular dessa "teoria dos humores" era tal que, além de ter merecido várias referências na obra de Shakespeare (mesmo como paródia, como as hilárias falas de Nym em *Henry V*), forneceu tema e título



para uma peça de Ben Jonson, *Every Man in His Humour*, que teria sido encenada pela companhia de Shakespeare em 1598.

Assistindo o filme de Luhrman, a primeira coisa que me chamou a atenção foi o fato do amor de Romeu e Julieta estar sempre associado à água. Observemos: em sua primeira aparição, Romeu está perto da praia. A primeira vez que vimos o rosto de Julieta, ela está com o rosto dentro da água, muito provavelmente na mesma pia onde Romeu enfiará o rosto durante a festa dos Capuleto, para tentar aliviar os efeitos da droga que havia tomado. O primeiro olhar dos jovens se dá através de um grande aquário na casa de Julieta; o primeiro beijo, dentro da piscina. Novamente, após a noite de núpcias, Romeu cai na piscina quando foge do quarto da amada. Uma tamanha quantidade de água me fez ficar imaginando: porque esse *leitmotiv*? Embora Luhrman tenha feito um filme cheio de referências e citações, tendo inclusive se apropriado do universo shakespeariano para adornar o filme, essa grande quantidade de água não poderia estar lá apenas por razões decorativas. Havia um significado simbólico a incrementar e estética do filme. Qual seria?

A partir dessa constatação, tentei recuperar o uso dos outros elementos durante o filme. E lá estavam eles:

O fogo, desde o primeiro momento, é associado à rivalidade assassina entre Montéquios e Capuletos. Tebaldo surge acendendo uma cigarrilha e deixando o fósforo cair aceso no chão de um posto de gasolina. O final da seqüência é o incêndio e a explosão do mesmo posto, provocados por outro fósforo de Tebaldo. As armas do filme não são mais espadas e floretes, mas armas de fogo – e essa expressão é a mesma em inglês, *firearms*, embora a mais popular seja *guns*. Em inglês, *fire* também é o verbo "atirar com arma de fogo". Por isso a enorme profusão de velas na igreja onde o corpo de Julieta é velado – a simbolizar que a rivalidade assassina fez/fará suas vítimas.

O fogo, a explosão da cólera tornada em ódio, é quem provoca o desequilíbrio na ordem natural, fazendo com que o mundo – no caso, representado pela ordem social- se desnature. A cidade se torna um lugar de medo, onde pessoas pacatas tem medo de ver-se no meio do fogo cruzado dos clãs, e onde o amor tornou-se a um só tempo subversão e pecado, algo a ser ocultado, somente vivido atrás de portas fechadas, confessado na igreja.



A terra é associada aos líderes dos clãs rivais. *Out-doors* estrategicamente colocados informam o espectador que os Montéquio são proprietários de uma gigantesca construtora (e, provavelmente, de uma incorporadora, etc.) É lógico imaginar que o clã Capuleto estaria no mesmíssimo ramo, de modo a justificar a rivalidade. Não nos esqueçamos de que a posse da terra era, na época de Shakespeare, a marca e a exclusividade da nobreza; essa mesma posse da terra está figurativamente representada nos donos de grandes construtoras.

Sabidamente, Luhrman não escolheu representá-los como fazendeiros texanos, mas como aqueles que retiram da terra sua propriedade de criar vida - sua fertilidade- ao transformá-la, literalmente, com empreendimentos imobiliários. O transformar do elemento terra dá origem a um desnaturamento, um desequilíbrio que mais tarde se mostrará fatal ao futuro dos clãs. A esterilidade à qual os clãs se condenam através de seu próprio ódio – ambos os patriarcas perdem o único herdeiro – já fica sugerida nas atividades profissionais destes homens. A terra seria o mais pesado dos elementos, de modo que o humor a ela correspondente – a bile negra- seria o mais pesado dos humores. Romeu, caracterizado no início por uma certa tendência a melancolia, escreve seus versos de "amor cortês" à Rosalina, sabendo que esse amor está destinado a ser tão estéril quanto a intervenção das companhias imobiliárias na terra, pois a convenção do amor cortês exige o desprezo da dama e o sofrimento do apaixonado.

O ar vem associado ao chefe de polícia Prince: de seu helicóptero, a autoridade máxima da cidade controla, ou tenta controlar, os desmandos passados na terra. Prince deveria ser um rubicundo (quente e úmido); como tal, seu cargo ao representar a lei e desejar fazer com que esta seja respeitada seria também o desejo de que a ordem social prevaleça e ele possa gozar os benefícios de sua posição. Mas ele também sofre de um desequilíbrio: seu embate com o ódio entre os clãs (fogo) e os patriarcas (terra) alterou a emotividade do rubicundo, fazendo-o perder fleuma (umidade) tornando-o mais semelhante ao colérico (quente e seco), de modo que ele grita, ameaça de morte e bane.

Esses quatro elementos não estão isolados, mas sua predominância é clara na caracterização das personagens e das relações entre elas. Também há espaços e momentos de encontro entre os elementos: vejamos isso a seguir.



A igreja é o espaço privilegiado da intermediação. De seu herbário, onde estuda os efeitos das plantas (terra), frei Lourenço vem para a nave da igreja, onde um coro afinadíssimo eleva o canto sacro para o ar. A gigantesca estátua de Cristo também tenta se colocar de ponte entre o ar e a terra, rodeada pelo helicóptero de Prince. É o lugar onde há velas (fogo) e água benta; onde o religioso lutará para harmonizar os quatro elementos. Tragicamente, essa relativa harmonia se dará apenas após o sacrifício dos dois jovens, no próprio interior da igreja: Romeu e Julieta morrem sobre um catafalco que parece muito mais um altar. O altar cristão torna-se um altar pagão, onde somente o sacrifício humano efetivará o milagre desejado. A sangria, o derramar do sangue dos jovens, funciona como cura para o desequilíbrio de humores do grupo social ao qual pertenciam. Lembremo-nos, aliás, que a mistura de referências cristãs e pagãs não era rara em Shakespeare.

As mortes de Mercúcio e de Tebaldo também estão sob uma proximidade, um encontro de dois elementos. O duelo entre ambos acontece na areia da praia, sob o olhar atônito do apaixonado Romeu. É com um grande caco de vidro que Tebaldo abre a ferida fatal no flanco de Mercúcio; embora não tenha sido usada uma arma de fogo, o vidro é criado através do fogo. Quando Romeu mata Tebaldo, utilizando uma arma de fogo, Tebaldo cai no pequeno espelho de água do lado de fora da igreja. Seu sangue mancha a água doce, mostrando a Romeu que o elemento água – simbolizando seu amor- fora irremediavelmente contaminado pela violência do ódio.

Aliás, a associação do Romeu quando ainda apaixonado por Rosalina, e Romeu entre seus amigos, com a praia, enquanto o Romeu de Julieta está associado com água doce, sugere uma dualidade no próprio elemento água. A água doce da pia, da piscina, do espelho d'água, sugere a civilização, a água domesticada e mansa; a água do mar, o elemento em seu potencial de violência, de força da natureza. Então, embora o amor de Romeu e Julieta tenha a força da natureza incontrolável, sua possibilidade de realização naquela sociedade é frágil e fácil de poluir como a água doce; e o mesmo amante capaz de se enternecer diante do mundo tem dentro de si o potencial da fúria tempestuosa que o tornará assassino e suicida.



Romeu apaixonado, em contato direto com a fleumática Julieta, acalma-se, perde a melancolia. Torna-se menos propenso à agressividade, como no momento em que tolera os insultos de Tebaldo. Em seu exílio, Romeu está num acampamento de *trailers*, num lugar obviamente de clima desértico, com direito a arbustos secos e poeira levantado pelos carros. A ausência do amor de Julieta é representada pela ausência da água. Na ausência da água, há um desequilíbrio profundo, um esvaecimento do frio e da umidade; o humor colérico, quente e seco, tende a assumir o controle: o antes melancólico Romeu torna-se irritadiço e agressivo.

A morte dos amantes se dá de duas formas diferentes: Romeu bebe um líquido venenoso, copiando de certa forma a falsa morte de Julieta; ela atira na própria têmpora com uma arma de fogo. Na morte, os dois unem simbolicamente a água e o fogo, extinguindo tanto o amor quanto o ódio a que esses elementos vinham simbolicamente associados ao longo do filme. Desses sentimentos, só ficará a memória, contida nas palavras da peça.

Mas é claro que a extinção do amor e do ódio, ou seja, a aniquilação simbólica da água e do fogo, causa um outro desequilíbrio no todo do filme; terra (pais) e ar (Capitão Prince) se encontram para recolher os corpos, chorar os mortos e para a repreensão final do chefe de polícia. Depois disso, o filme só pode terminar, pois foram aniquilados os elementos que o compuseram. A televisão que nos levou, no prólogo, ao universo ficcional da ação, sai do ar e fica solta sobre um fundo negro, simbolizando o nada, numa metalinguagem que leva o espectador a refletir sobre a ficção (a estória dos amantes de Verona) e a não-ficção, e o espaço mágico que intermedia ambas, e se torna assustador como a morte ao esvaziar-se (televisão fora de sintonia, palco vazio, livro fechado, projetor desligado).

De modo que fica evidente o uso dos quatro elementos em "Romeu + Juliet" como pilares estruturadores da narrativa. Eles fornecem uma das possíveis chaves de leitura para o filme, organizam uma lógica interna na narrativa e ainda ecoam toda uma época shakespeariana, através de sua cultura, onde a "teoria dos humores" era considerada científica mas ao mesmo tempo era difundida popularmente, a ponto de tornar-se um



"tique", repetida diversas vezes e normalmente fora de contexto, na fala do grosseiro Nym, para gáudio da platéia elizabetana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLLAND, Sarah "Hamlet: A Humoral Diagnosis". Internet- University of Victoria, December 1996.

LUHRMAN, Baz (dir.) *Romeo + Juliet*. EUA, 1996.

SHAKESPEARE, William *Romeo & Juliet*. London: The New Folger Library, s/d.